

# INSUBMISSAS À DOMINAÇÃO MASCULINA: Uma análise com Conceição Evaristo

Ingra Moratori Sobreira<sup>1</sup>

## Introdução

O presente estudo se debruça nas expressões concretas da dominação masculina sobre as mulheres brasileiras, através dos contos de Conceição Evaristo no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011). Os contos da autora retratam, a partir da literatura, diferentes histórias de mulheres brasileiras, que desvelam um denominador comum: a dominação masculina, manifestada na vida dessas personagens, que representam as vivências de mulheres reais na sociedade brasileira. Através dessas personagens narradas nas escrituras de Conceição, personagens testemunhas das mulheres reais, pode-se ver os desdobramentos objetivos e subjetivos aos quais as mulheres são submetidas nesse sistema de dominação.

Este estudo parte do pressuposto de que a dominação masculina é um traço endógeno do capitalismo. A organização da produção e da reprodução no modo de produção capitalista explora a classe trabalhadora ao seu limite e, quando interseccionada com a opressão de gênero e raça, esse limite é ainda mais esgarçado. Portanto, o que se desvela ao estudar a categoria da dominação masculina, é a dominação burguesa, que produz e reproduz o patriarcado e o racismo.

O livro conta, ao todo, com treze contos, todos com o nome de mulheres no título, que protagonizam a história contada por uma narradora-ouvinte (REIS e PRADO, 2018). Até então, este trabalho vislumbra analisar os treze: Aramides Florença, Natalina Soledad, Shirley Paixão, Adelta Santana Limoeiro, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo, Mary Benedita, Mirtes Aparecida da Luz, Líbia Moirã, Lia Gabriel, Rose Dusreis, Saura Benevides Amarantino e Regina Anastacia.

Através desses contos, é possível captar que as expressões concretas da dominação muitas vezes ficam mascaradas por outros fatores, como se fossem disfunções familiares do nível individual, quando na verdade são expressões coletivas de sujeitos, sobretudo homens<sup>2</sup>, em posição de poder em detrimento de mulheres em posição de submissão e opressão. As dinâmicas relacionais produzem abusos e resistências que não estão dadas de antemão, as interseccionalidades produzem arranjos complexos nas relações sociais, em que certos abusos passam despercebidos por não corresponderem aos atributos morais associados à noção de vulnerabilidade (LOWENKRON, 2015, p.246-247).

Assim sendo, captar as opressões vivenciadas pelas mulheres em situações concretas do cotidiano, narradas na escritura de Conceição, pode oferecer mais subsídios, enquanto assistente social, para a intervenção profissional. Visto que, em muitos casos, as expressões dessa dominação não se escancaram na aparência da situação, o profissional

---

<sup>1</sup> Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> As mulheres também reproduzem as opressões as quais são vítimas quando estão em situação de poder em relação a outras mulheres, como traz a categoria analítica de Síndrome do Pequeno Poder (SAFFIOTI, 1989).

deve ter condições de percebê-las na práxis profissional.

A perspectiva metodológica desta pesquisa entende que a construção de uma narrativa sobre uma determinada realidade exige a escolha dos pressupostos sob os quais o estudo se debruça. O pensamento marxiano é um alicerce que essa pesquisa busca perquirir em sua trajetória, através da crítica como fundamento. Kosik (1976), busca recompor a realidade para além da dimensão utilitária, ou seja, pretende analisar a realidade concreta a partir de uma prática que pensa sobre si mesma, sobre sua própria estrutura e pressupostos. O autor faz uma diferenciação importante entre uma práxis utilitária e uma outra revolucionária. Nas palavras de Kosik (1976, p.14):

A práxis utilitária imediata e o senso comum a ela correspondente colocam o homem em condições de orientar-se no mundo, de familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporcionam a compreensão das coisas e da realidade.

Nesse contexto, a prática utilitária possibilita aos indivíduos sobreviverem no mundo, porém, para promover transformações, é necessário exercer uma prática revolucionária a partir da compreensão essencial do fenômeno vivido e do seu estudo. Kosik (1976) se concentra nesse fenômeno, que, no caso em questão, é social, e entende que a aparência do fenômeno não é o fenômeno em si, mas também faz parte dele, visto que a aparência compõe sua essência. Em outras palavras, a aparência revela o fenômeno, mas também o oculta, uma vez que a aparência do fenômeno apresenta o que o autor chama de pseudoconcreticidade.

Portanto, dismantelar a pseudoconcreticidade implica investigar o fenômeno com base em pistas da realidade que muitas vezes distorcem a verdadeira realidade. A busca pela essência, ou seja, pela concreticidade do fenômeno, ocorre por meio de aproximações sucessivas, revelando suas múltiplas determinações. Através desse método de análise da realidade, é possível identificar nas situações cotidianas as expressões da dominação burguesa, patriarcal e racista, visando romper com a lógica moralista e individualizante da sociedade em relação a certos fenômenos estruturantes da sociedade, como a violência de gênero.

De outro modo, o método de Marx, conforme Netto (2011), tem como objeto da pesquisa a sociedade burguesa, que não depende do pesquisador para existir objetivamente com toda sua complexidade. O pesquisador, então, tem como objetivo ir “além da aparência fenomênica, imediata e empírica – por onde necessariamente se inicia o conhecimento, sendo essa aparência um nível da realidade e, portanto, algo importante e não descartável –,” para “apreender a essência (ou seja: a estrutura e a dinâmica) do objeto” (NETTO, 2011, p. 5).

Deste modo, este estudo pretende “apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e de perquirir a conexão que há entre elas” (MARX, 2013, p. 90). Pode-se dizer então, que o método em Marx é uma forma de compreender a realidade, que parte de pressupostos de análise da sociedade burguesa e busca captar a totalidade em movimento dos fenômenos sociais, que interatuam uns sobre os outros.

## Problematização

A formação social brasileira reproduz, em sua cultura e nas formas de produção e reprodução da vida, a dominação patriarcal e racista do capitalismo global. Essa manifestação adquire características distintas quando analisada sob a singularidade do caso brasileiro, que se estabelece e se consolida como um capitalismo dependente, escravagista, conservador e misógino (FEDERICI, 2017; LUCE, 2018). Desse modo, a dominação masculina no Brasil impõe violências físicas e simbólicas sobre as experiências das mulheres, com o intuito de perpetuar sua submissão.

É comum associar essa dominação a uma herança de sociedades passadas, através da sublimação da historicidade da dominação masculina. Diante disso, Federici (2017), a partir de uma análise histórica, elucida como essa dominação é determinada sócio-historicamente no marco do capitalismo e cumpre funções sociais estruturais para a manutenção desse modo de produção e reprodução da vida. Em suma, “a degradação das mulheres é uma condição necessária para a existência do capitalismo em qualquer época” (p.27).

Pensar o movimento de libertação das mulheres implica se debruçar sobre o par categorial da dominação masculina e submissão feminina. Um ponto de partida fundamental para a pesquisa nesse tema, é a compreensão de que, no marco do capitalismo, o trabalho doméstico é imposto às mulheres como uma obrigação, como um dom natural de toda mulher. É um trabalho invisibilizado e considerado improdutivo, embora seja um “trabalho que produz a força de trabalho” (FEDERICI, 2017, p.12).

O trabalho assalariado é a forma de trabalho legitimada socialmente no capitalismo e historicamente composta por homens. E para realizar os interesses primordiais capitalistas, o trabalho assume características fundamentadas na acumulação da riqueza socialmente produzida; ou seja, o trabalhador vende sua força de trabalho em troca de um salário ao dono dos meios de produção. Este, se apropria da mais-valia e acumula os lucros da realização da mercadoria, somado às estratégias de barateamento do processo produtivo que, para aumentar as taxas de lucro, se utiliza da “máxima violência e da guerra contra as mulheres, que são o sujeito primário dessa produção”. (FEDERICI, 2017, p.14)

Dessa forma, o homem constrói historicamente sua dominação respaldado no poder conferido pelo salário. Entretanto, captando as complexidades e contradições da realidade, a dominação masculina não se expressa somente pelas funções sociais da mulher dona de casa e do homem trabalhador assalariado que sustenta a família. Até porque eram as mulheres brancas que não podiam trabalhar, pois as mulheres negras já compunham a força de trabalho brasileira desde a escravatura. Para Federici (2017, p.11), portanto, é falsa “a suposição de que o caminho para a libertação das mulheres seria ocupar os mesmos empregos fabris que os trabalhadores estavam recusando”<sup>3</sup>. Essa é uma face pela qual a dominação é exercida em muitos contextos familiares, mas há múltiplas determinações e expressões da dominação, que subordinam mulheres das mais variadas formas.

De certo, essa dominação é diferente entre as mulheres. O feminismo negro escancarou a falta de reconhecimento das mulheres negras no interior da própria luta feminista.

---

<sup>3</sup> No contexto da política feminista dos anos 1970.

Os corpos das mulheres pretas e das mulheres brancas, historicamente, sofreram diferentes formas de exploração; enquanto mulheres brancas experimentaram a opressão pela castidade, pureza, ambiente doméstico e obrigação do casamento e família, as mulheres negras experimentaram invasões de seus corpos e sua sexualidade, estruturado em outro padrão reprodutivo e em um outro valor para a maternidade.

Essa concepção alarga o horizonte do feminismo e suas lutas à medida que se destaca o fator racial como uma ferramenta de mudança estrutural na forma que a opressão se dá. Para além disso, o feminismo negro enxerga a diversidade de raça, opção sexual, classe, faixa etária, território como multifatores combinados de opressão, e busca mecanismos de costurar alianças entre essas mulheres diversas e plurais (COLLINS, 2016).

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS e BILGE, 2020, p. 18)

As questões específicas que afligem as mulheres negras permaneciam relegadas dentro dos movimentos, porque nenhum movimento social iria ou poderia abordar sozinho todos os tipos de discriminação que elas sofriam. As mulheres negras usaram a interseccionalidade como ferramenta analítica em resposta a esses desafios. (COLLINS e BILGE, 2020, p. 19)

Outro ponto de partida fundamental para pensar a dominação masculina é a partir da categoria acumulação primitiva, que caracteriza o complexo processo social e político que se desenvolvem as relações capitalistas e que representa um fio condutor que estrutura as bases da organização social (FEDERICI, 2017). A autora inclui três fenômenos não vislumbrados por Marx ao descrever esse processo da acumulação primitiva:

- i) o desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho;
- ii) a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens;
- iii) a mecanização do corpo proletário e sua transformação, no caso das mulheres, em uma máquina de produção de novos trabalhadores. (p.26)

A acumulação primitiva do capital se deu a partir do corpo da mulher; a classe trabalhadora nasce do ventre da mulher e seus corpos passam a ser de controle do Estado capitalista<sup>4</sup>. Federici (2017, p.34) compara:

---

<sup>4</sup> O Estado capitalista pode ser entendido como um elemento histórico, constitutivo da divisão de classes sociais, são elas: a burguesia e os trabalhadores. Somente na aparência do fenômeno o Estado é universal, pois ele circunscreve seu caráter parcial de classe ao atender sobretudo os interesses da classe dominante (historicamente representada pelo homem branco, pois mesmo as mulheres que eram da burguesia eram subjugadas), sendo assim destituído da posição de neutralidade e justiça diante dos conflitos entre as classes. Ao contrário disso, o Estado atua como um 'comitê executivo da burguesia' (MARX & ENGELS, 1998).

[...] o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho.

Portanto, falar de mulheres na organização da sociabilidade capitalista, na especificidade da formação social brasileira e de mulheres latinoamericanas<sup>5</sup>, não significa apenas falar de um lado invisibilizado da história, mas é falar de uma forma de exploração do capital com contornos e expressões singulares. No conflito capital e trabalho, essas mulheres são as que mais são sacrificadas. Esse conflito se intensifica com a transição do capitalismo para a fase monopolista, à medida que a questão social é radicalizada, elevando as manifestações da problemática social a um novo nível. Nas palavras de NETTO (1992, p.15):

[...] o capitalismo monopolista recoloca, em patamar mais alto, o sistema totalizante de contradições que confere à ordem burguesa os seus traços basilares de exploração, alienação e transitoriedade histórica".

As expressões da dominação masculina estão no bojo das expressões da questão social. Portanto, estudar os contornos e expressões singulares da exploração sobre as mulheres se faz necessário para compreender o desenvolvimento das relações capitalistas como um todo. A dominação masculina e a “questão social” são necessárias em todos os estágios do desenvolvimento do modelo de sociabilidade burguesa e são insuprimíveis “sem a supressão da ordem do capital”. (NETTO, 2001, p.48)

Portanto, contar histórias, como faz Conceição Evaristo em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, se constitui como uma estratégia de mulheres para a apropriação de si mesmas, que falam por si e, a partir disso, por tantas outras:

Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (EVARISTO, 2020, p. 35).

Conceição Evaristo, nascida em 1946, foi criada em uma favela na zona sul de Belo Horizonte. Começou a trabalhar desde cedo como empregada doméstica, conciliando essa jornada de trabalho com seus estudos. Aos 25 anos se mudou para o Rio de Janeiro e iniciou sua trajetória acadêmica no curso de Letras, se tornando mestre em Literatura Brasileira e doutora em Literatura Comparada. Evaristo é uma autora de referência no Brasil nos estudos sobre racismo, aborda com frequência as temáticas da discriminação racial, da discriminação de gênero e da desigualdade social.

*Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) é um livro de contos, em que cada um dos treze tem o nome de uma mulher, personagem principal do conto, que terá sua história narrada. Esses contos narram as vivências afetivas, sociais e políticas de cada mulher que dá nome ao conto. A autora intitula seu processo de escrita como *escrevivência*, pois apesar de ficcionais, são retratos da vida de muitas mulheres:

---

<sup>5</sup> Para pensar o contexto das mulheres latinoamericanas é imprescindível abordar o controle do corpo e da sexualidade das mulheres como fundamento da colonização, regrados e controlados pelo Estado, pelo regime escravocrata e pela Igreja Católica (FEDERICI, 2019).

Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem menor pudor. Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta [...] Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2011, p.8)

São muitas as realidades e complexidades reveladas em cada detalhe de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Estas, provocam reflexões, afetos e dilemas que se fazem necessários à urgente superação do modo de produção capitalista, em consonância com a afirmativa de hooks (2020b, p.123):

Os valores que sustentam uma cultura e sua ética moldam e influenciam a forma como falamos e agimos. Uma ética amorosa pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente. Para trazer a ética amorosa para todas as dimensões de nossa vida, nossa sociedade precisaria abraçar a mudança. (hooks, 2020b, p. 123)

As transformações societárias são paralelamente e consecutivamente objetivas e subjetivas, concretas e abstratas. Ao passo que a realidade material se transforma, as elaborações subjetivas se transformam e acabam por transformar a realidade material, num ciclo que se retroalimenta. A transformação mencionada por hooks tem o propósito de quebrar os ciclos de violência oriundos do sistema econômico-político capitalista, patriarcal e racista. Nessa direção, só é possível essa construção em uma forma de organização da vida social que não tenha esses sistemas de opressão como traços endógenos como é o capitalismo.

Lisboa (2010) aponta que no cotidiano profissional dos assistentes sociais tem crescido a demanda por um embasamento dos estudos feministas para a intervenção desses profissionais. As questões de gênero já estavam presentes desde antes de serem identificadas como uma demanda, mas o contexto sócio-histórico tem trazido cada vez mais à superfície a necessidade das teorias feministas comporem a dimensão teórico-metodológica do Serviço Social.

Há uma dominação da produção de conhecimento, não somente no Serviço Social, mas também muito presente no Serviço Social, que contrasta com a esmagadora maioria de mulheres que compõem os profissionais dessa categoria. Diante disso, Lisboa (2010) defende que há um descompasso entre o Serviço Social e as questões de gênero e que esse descompasso mantém e reproduz a dominação masculina na profissão, seja na produção científica seja na intervenção profissional.

Os estudos de gênero são fundamentais para que os assistentes sociais, no planejamento e execução das políticas sociais, possam trabalhar com as demandas colocadas no seu cotidiano profissional, frequentemente atravessadas pela violência de gênero. As categorias analíticas já consolidadas do marxismo por si só não dão conta de responder a essa pluralidade, mas o método marxista, do materialismo histórico dialético propicia a base necessária para, articulado com outras teorias, perquirir o conhecimento em aproximações sucessivas. Lisboa (2010) exemplifica:

[...] abuso sexual, violência contra mulheres, gravidez na adolescência, dificuldades em relação ao planejamento familiar, direitos reprodutivos, mulheres chefes de família, mulheres idosas vivendo sozinhas e/ou sustentando suas famílias, discriminação no mundo do trabalho, assédio moral, luta por cotas e ações afirmativas, lideranças femininas destacando-se junto aos movimentos e organizações sociais, mulheres encarceradas, aumento do número de mulheres envolvidas com o tráfico de entorpecentes, mulheres com dependência química tanto de álcool como de drogas, crise da masculinidade, discriminação e preconceito em relação à homoafetividade, entre outros. (LISBOA, 2010, p.1)

As realidades são múltiplas, diversas e complexas e por isso devem estar aportadas por múltiplas frentes de conhecimento. Deste modo, o objetivo geral do presente estudo é compreender dialeticamente as determinações e os efeitos desta dominação na vida de mulheres como competência necessária para o exercício profissional dos assistentes sociais, através da análise dos treze contos selecionados, sobre vivências de personagens, que testemunham as vivências de muitas mulheres brasileiras reais.

## Considerações finais

A produção literária de Conceição Evaristo, a escrivivência, presente nos relatos de suas personagens-narradoras, configura-se como uma ação política de insurgência: são necessárias condições objetivas e subjetivas para estabelecer conexões e, desse modo, criar um espaço favorável tanto para expor as feridas da alma sistematicamente reproduzidas pelo modo de produção capitalista, quanto para que essas marcas sejam acolhidas e convertidas em um discurso compartilhado coletivamente, com o intuito de assinalar a resistência dessas e de tantas mulheres.

Embora Conceição Evaristo dê vida a esses contos que revelam a dominação masculina e a submissão feminina por meio de suas personagens-narradoras, o que se destaca é a insubmissão dessas mulheres, tecendo um movimento político de resistência. Conceição estabelece um ambiente propício para expor as cicatrizes de sua própria alma, enquanto permite que essas marcas sejam acolhidas e transformadas em uma narrativa compartilhada coletivamente, como um testemunho de resistência por parte de mulheres sistematicamente silenciadas e oprimidas. hooks (2020a) faz referência a isso:

Lembrar de histórias é uma ferramenta essencial para pensadores e escritores. Em vez de supor ‘penso, logo existo’, gosto de pensar que sou porque a história é. As histórias que conto sobre mim constituem o eu em ‘eu, como eu me vejo’ enquanto narro. [...] ao escrever várias histórias sobre o eu em mim e ao contá-las em livros e em sessões de terapia, meu espírito ferido começou a cicatrizar. O assassinato da alma que sentia quando criança já não era a marca do meu ser; ao contar histórias, entrei em uma zona redentora. Adentrei um mundo de recuperação da alma. Aos poucos, eu pegava os cacos de minha psique e os juntava novamente, criando no processo histórias novas e diferentes – contos libertadores. (hooks, 2020a, p. 90)

E tal possibilidade somente se concretiza por meio de transformações fundamentais no sistema de produção e reprodução das relações sociais. Falar sobre cura, amor e afeto é uma parcela fundamental da luta anticapitalista, mas que diante de questões emergenciais causadas pela desigualdade social produzida pela concentração de riqueza intrínseca ao capitalismo, fica secundarizado, mas não deixa de estar em construção paralela. Comer, morar, sobreviver à necropolítica (MBEMBE, 2018), exploração do trabalho, são as lutas

urgentes. Este trabalho, portanto, tem uma aspiração fundamentalmente política, visto que busca pensar em outras organizações da vida social que respeitem radicalmente todas as existências.

E mesmo que mais profissionais tenham um embasamento teórico dos estudos feministas, o cotidiano profissional é complexo, multideterminado e muitas vezes não fica evidente as determinações das questões de gênero ali postas. É necessário uma análise muito aguçada para perceber as questões de gênero que estão para além da aparência da situação. Diante disso, os contos de Conceição Evaristo se configuram como um aporte para esmiuçar as expressões dessa dominação, pois através da escrevivência de Conceição, os contos são relatos tão comuns como aqueles que ouvimos no cotidiano profissional.

Lisboa (2010) reitera a importância do aporte teórico do Serviço Social incorporar de maneira sólida as contribuições dos estudos feministas, pois as demandas que surgem no exercício profissional são determinadas pelas questões de gênero, que envolvem as diferentes manifestações de feminilidades e masculinidades.

Dessa forma, captar as opressões vivenciadas pelas mulheres em situações concretas do cotidiano, narradas na escrevivência de Conceição, pode oferecer mais subsídios, enquanto assistente social, para a intervenção profissional. Pois, apesar do trabalho do Serviço Social ter em seus princípios estruturantes uma limitação intrínseca por estar circunscrito na lógica do capital, ainda que se reproduza dialeticamente nesta realidade, o profissional não deve perder de vista a construção de alternativas que permitam a superação deste modo de produção, quando entende a impossibilidade da emancipação das mulheres, dentro desse modelo societário.

## Referências

- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 31, n.01, jan. abr. 2016.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020. Disponível em: <https://br1lib.org/book/11968545/4eeb7f>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/divulgacao/escrevivencia-a-escrita-de-nos/>. Acesso em 3 jul. 2023.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- FEDERICI, Silvia. **Mulheres e a caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020a.
- hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020b.

- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LISBOA, Teresa Kleba. Gênero, feminismo e serviço social: encontros e desencontros ao longo da história da profissão. Florianópolis: UFSC. **Revista Katálysis**. V. 13, n.1, jan/jun, 2010.
- LUCE, Mathias Seibel. **Teoria Marxista da dependência: problemas e categorias - uma visão histórica**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- LOWENKRON, Laura. Consentimento e vulnerabilidade: alguns cruzamentos entre o abuso sexual infantil e o tráfico de pessoas para fim de exploração sexual. **Cadernos Pagu** - Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: 2015.
- MARX, Karl; Engels, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. In: Reis Filho, Daniel Aarão (Org.). **O Manifesto Comunista 150 Anos Depois**. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 2ed. São Paulo. n-1 edições, 2018.
- NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. São Paulo, Cortez, 1992.
- NETTO, José Paulo. Cinco Notas a Propósito da “Questão Social”. **Revista Temporalis**, nº 3. Brasília: ABEPSS, 2001.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- REIS, Davi Nunes dos; PRADO, Thiago Martins. A narradora-ouvinte e as técnicas de encaixe de focos narrativos em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 10, n. 2, p. 92-106, jun./dez. 2018. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/507/452#:~:text=No%20livro%20Insubmissas%20l%C3%A1grimas%20de,ao%20leitor%20m%C3%BAltiplas%20interpreta%C3%A7%C3%B5es%20da>. Acesso em 4 jul. 2023.
- SAFFIOTI, H.I.B. A síndrome do pequeno poder. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. de A. (Orgs.). **Crianças vitimizadas: a Síndrome do Pequeno Poder**. São Paulo: Iglu, 1989.